

Las notas no son numerosas, aunque sí, casi siempre, pertinentes. Abundan más, lo que es comprensible por el tipo de público al que va destinada la obra, las notas aclaratorias sobre cuestiones astronómicas o matemáticas. En este sentido, destacamos la nota 54. En cuanto a la nota 112, que trata de explicar los condicionamientos del intervalo de 30 años observado por los fieles de Crono para enviar su expedición, para el número se recurre al valor místico del mismo, relacionándolo con los ciclos de la luna. En realidad, el intervalo se debe a que, como la divinidad objeto de culto es Crono, la expedición se organizaba todos los años saturnianos (y un año de Saturno -es decir, el período que tarda el astro en recorrer los doce signos del Zodíaco- equivale a treinta años solares).

El libro se cierra con dos interesantes Anexos. El primero (pp. 105-107) es muy útil, pues incluye gráficos que permiten entender mejor algunos aspectos de la astronomía lunar. Y el segundo (pp. 108-122) sintetiza los resultados esenciales de la investigación libraria del autor a propósito del eco que ha tenido nuestro opúsculo en textos científicos del humanismo del XVI y XVII, entre los que no podía faltar la referencia a Kepler y a Newton.

En suma, se trata de un librito muy oportuno, que revela los conocimientos científicos no sólo de Plutarco, sino también de Bernardo Mota, que ha dedicado otros trabajos últimos a la interpretación científica y filosófica de este tratado.

AURELIO PÉREZ JIMÉNEZ

PLUTARCO. *Obras Morais. Sobre o Afecto aos Filhos. Sobre a Música*, tradução do grego, introdução e notas de Carmen Soares e Roosevelt Rocha, Coleção Autores Gregos e Latinos, Série Textos, nº 13, Classica Digitalia/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010, 243 pp.

Na continuação da publicação da tradução da obra de Plutarco em que os Classica Digitalia estão empenhados, saíram agora mais duas traduções, reunidas num só volume.

O primeiro tratado, de dimensões reduzidas (por incompletude, já que tem um final nitidamente truncado), tem introdução, tradução e notas da responsabilidade de Carmen Soares, que já nos tem habituado à clareza das suas traduções e seriedade nas opções. Esta versão do grego para português

não é excepção. A autora dá a conhecer ao leitor, quer na introdução quer nas notas à tradução, os contextos culturais, as referências e remissões que o próprio Plutarco fazia, explica a causa das suas escolhas (enquanto tradutora) de outros estabelecimentos de texto, etc., tornando a tradução deste pequeno tratado (quatro páginas de Stephanus) um acepipe.

A introdução tem duas partes. Na primeira, Carmen Soares explica a razão do título e a opção de tradução de *philostorgia* por «Afecto», afastando-se da linha das línguas românicas<sup>20</sup>, que traduzem pelo latim «De Amore Proli» (resultando os títulos em «Sobre el amor a la prole» ou «De l'amour de la progéniture», como C.S. refere), aproximando-se da tradição anglo-saxónica (onde temos títulos como *On natural Affection for One's Offspring*<sup>21</sup> ou *On Affection for Offspring*<sup>22</sup>), expressando, assim, a ideia que Plutarco defende no corpo do texto, de que, diferente de *philostorgia*, a *philia* é exclusiva do ser humano, não partilhada com o mundo animal.

Na segunda parte, sobre a «Coesão do pensamento filosófico e moral da obra» Carmen Soares demonstra a coerência do autor na obra, analisando a sua técnica discursiva e esclarecendo como o *logos*, na relação que pode estabelecer com a *physis*, ocasiona três naturezas distintas: a das plantas, a dos animais e a dos seres humanos. Evidencia ainda como Plutarco recusa a dimensão utilitarista da *philostorgia* e refuta que o afecto entre pais e filhos se faça devido a imposições do *nomos*.

Carmen Soares reforça a ideia, que já defendera em outras publicações, da importância que Plutarco atribui aos valores da família, reafirmando que esta preocupação com «os laços de *philia* entre parentes directos» é «transversal às *Vitae* e aos *Moralia*».

O segundo tratado é da responsabilidade de Roosevelt Rocha. *Sobre a Música* ocupa 16 páginas de Stephanus (de 1131B-1147A, cerca de 68 páginas no livro em recensão), e a parte introdutória preenche 81 páginas (da 67 à 148). Este trabalho, bastante completo e exaustivo, resulta da adaptação de parte da tese de doutoramento do autor (que mantém a grafia e sintaxe brasileiras), no qual defende a inclusão deste tratado nas obras de Plutarco, contra a corrente dominante que o classifica de Pseudo-Plutarco.

<sup>20</sup> E mesmo alemã, onde temos: *Über die Liebe der Eltern gegen ihre Kinder*.

<sup>21</sup> Título da tradução feita sob a responsabilidade de W.W. Goodwin, em 1878, Boston, em edição de Little, Brown and Co.

<sup>22</sup> Título da tradução feita por Helmbold para a colecção Loeb Classical Library (Harvard University Press).

Para tal, começa, na «Introdução», por apresentar os argumentos que concorreram para negar a autenticidade, como as análises estilométricas do século XIX, anuindo que as críticas apresentadas (tais como o uso de hiatos, mais-que-perfeito sem aumento, contradições, repetições redundantes, entre outras) possam constituir base de desconfiança na atribuição de autoria ao Queronense. Contudo, Roosevelt Rocha situa-se entre os que consideram o tratado como autêntico, apresentando razões de estilo, linguagem, temática, referências e citações, sendo que estas, porque muito numerosas e enredadas no texto, fazem do tratado mais uma compilação de ideias e saberes outros do que um raciocínio original. Por fim, inclui-se numa corrente que actualmente reanalisa as obras de Plutarco sem o espartilho da crítica normativa dos editores teubnerianos, defendendo a inclusão desta obra entre as *hypomnemata*, isto é, anotações que serviam de rascunhos para um futuro desenvolvimento, aproveitadas, eventualmente, para outras obras.

Apresentada como estratagem para não obstaculizar a leitura da obra com notas explicativas, a «Introdução à Teoria Musical Grega: Conceitos» é, por si só, um pequeno tratado no qual se explanam matérias como os intervalos musicais, se explica o alcance de palavras como *harmonia* ou *mousikê*, se indicam a evolução do nome das notas e dos seus sistemas, se instrui sobre os instrumentos musicais, enfim, as matérias que a personagem Sotérico trata no seu discurso, mas bem mais completo com textos de outros autores.

*Sobre a Música* passa-se num ambiente simposiástico, mas o que nele ressalta são os dois discursos que os convidados de Onesícrates fazem sobre este tema: Lísias (músico profissional), sobre a história da música grega, e Sotérico (especialista nesta arte), sobre a teoria musical. No final, o anfitrião aborda o papel da música nos banquetes e a sua relação com o universo. Roosevelt Rocha apresenta uma divisão do texto em quatro partes, consentânea com os temas abordados e respectivos intervenientes: «1 – Os primeiros inventores e as primeiras invenções (cc.3-14): Lísias e Sotérico; 2 – As inovações musicais (cc.15-16 e 28-31): Sotérico; 3 – Ciência Musical (cc.17-27): Sotérico; 4 – Educação Musical (cc.32-44): Sotérico e Onesícrates».

A tradução é escorreita e profusamente anotada, sem que isso seja um problema à clareza. A manutenção da grafia do português do Brasil poderá não ter sido a melhor escolha, mas não compromete o trabalho. Quanto a algumas formas, ficam uns pequeninos reparos sobre a coerência de algumas opções, como a referência ao mês Hecatombéon como Hecatombeu<sup>23</sup>, bem

<sup>23</sup> Uma vez com minúscula (nota 72, p.165) e duas com maiúscula (pp.70 e 84).

como, por um lado, referir-se a péan como peã (1134D), mas, por outro, a «péon» chama «peon» (1143C) e não aquela outra nem, na lógica de peã (não se confunda com um feminino), «peão» (forma preferível, segundo F. Rebelo Gonçalves<sup>24</sup>). A preferência por «nuança» (1143E) também não parece muito feliz, pois é um aportuguesamento do galicismo (evitável, sempre que possível) *nuance* (ou «variação»)<sup>25</sup>.

A bibliografia, na sua maioria, é bastante recente e segura e ajuda bastante as edições e traduções apresentarem-se por ordem cronológica e a bibliografia geral por ordem alfabética.

ADRIANA NOGUEIRA

POCIÑA, Andrés, RABAZA, Beatriz, SILVA, Maria de Fátima (eds.) *Estudios sobre Terencio*. Universidad de Granada, Universidade de Coimbra, 2006, 532 pp.

*Estudios sobre Terencio* é o resultado da colaboração de estudiosos do teatro antigo grego e romano da Espanha, Argentina e de Portugal, à semelhança do livro *Estudios sobre Plauto* (Madrid, 1998), elaborado pela união de estudiosos do teatro romano da Espanha e da Argentina. O livro contém vinte e dois artigos, que, de acordo com a apresentação dos editores, foram realizados com independência e liberdade no que se refere aos critérios e métodos de estudo, mas que se articulam em três grandes tópicos: “I. Antes de Terencio”, que apresenta as aproximações à comédia de Menandro, destacando-se os aspectos fundamentais na obra de Terêncio; “II. Terencio y sus comedias”, que oferece um elenco de temas variados relacionados à vida e à obra do autor e “III. Pervivencia y percepción de Terencio”, que trata da sobrevivência de Terêncio através dos séculos, em obras de outros autores, em edições de suas comédias, como tema literário ou investigação filológica.

<sup>24</sup> *Vocabulário da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1966. Este autor, todavia, refere que a forma «peon» está consagrada pelo uso. *Vocabulário da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1966.

<sup>25</sup> A definição de *khroma* (para onde *khroa* remete), no dicionário LSJ, explicita: «a modification of the simplest or diatonic music: but there were also *khromata* as further modification of all the three common kinds (diatonic, chromatic, and enharmonic)»